

Cordel, cultura popular e o bode

Vídeo apresenta história adaptada da literatura regional em animação digital

Por Diego Antonelli

A cultura popular perdura por séculos. Resiste às tentações das culturas estritamente pop, midiáticas e submissas ao mundo culturalmente massificado. Exemplo disso é a literatura do cordel, que no Brasil desde o século 19 encanta e 'canta' a emoção do povo. Para o poeta Jorge de Lima, o cordel irá durar por pelo menos mais dez séculos. Uma demonstração artística básica que denota a raiz da sociedade, o íntimo da população. Característica intrínseca desta literatura é a transmissão da própria oralidade do dia a dia.

Ao contrário da cultura de massa, na qual suga traços dos hábitos populares para produzir manifestações meramente reapropriadas e comercialmente vendáveis, a cultura popular simboliza o maior teor de pureza e identidade cultural de uma sociedade. O cordel simboliza os hábitos do povo ano após ano e avança para outras searas. Além da literatura, propriamente dita, vídeos de animações baseadas em relatos e causos de cordel intensificam e fortalecem as manifestações que dizem respeito direto a uma parcela da sociedade. No início, era um cordel. Mas com um trabalho gráfico e digital a poesia de 'A quase tragédia de Mané ou o bode ia dando bode' encontrou as imagens e um outro sentido. Uma animação que respeita a oralidade do povo, a pronúncia da linguagem coloquial que ressoa pelas ruas dos quatro cantos do Brasil.

Não é de forma alguma um desrespeito à gramática, mas sim uma (bela) homenagem ao linguajar que estamos cansados de ouvir por pessoas das mais distintas classes sociais. Não há como negar que 'esses ouvido já escutou' centenas ou milhares de vezes. O mundo real é a razão de se produzir uma cultura popular que alegra até mesmo na tragédia. O vídeo-cordel produzido a partir da obra de Ricardo Mello e Samuca conta a trajetória amorosa de um casal, na qual o marido, Mané, dá mais atenção e valor ao seu bode. Bode que provoca ciúmes na esposa raivosa e, que se transforma em assassina do bichano. Segredo que ela carrega até o momento em que estas mal traçadas linhas são digitadas frente à tela do computador.

Um caso do sertão que vai do papel para o computador e para o trabalho gráfico digital se transforma em uma animação de 13 minutos que prende o telespectador por seu roteiro, sua sagacidade, qualidade e sinceridade. Longe de ser uma produção hollywoodiana ou uma novela das 'oito', não há final feliz. Os remorsos existem. O desejo de matar existe. Uma produção fictícia próxima da realidade de uma esposa enciumada e do amor latente nos confins do nordeste brasileiro.

A escolha do animal, o bode, também denota uma preocupação com distintos pontos. Primeiro, o bode é um bicho comum na região, sendo muito usual serem produzidos pratos a partir do dito cujo. Além da sua dupla função linguística. O bode significa em termos populares que algo irá dar errado, que algo vai dar, literalmente, 'bode'. Como no momento em que Mané pensa em matar a esposa por desconfiar que ela havia dado 'fim' ao bichano... No entanto, ele volta atrás e acredita na mentira da mulher.

O bode se torna celebridade. Torna-se motivo de reza para que ele retorne a Mané. Um bode que vira o 'Bode'. Vira atração turística, vira motivo de reportagens em televisão, mas como diz um dos personagens, 'a verdade nem sempre está nas manchetes'. Como nunca esteve na história de Mané, do bode e da esposa.

A cultura popular expressa de forma simples e pura, como deve(ria) ser. Manifestações artísticas como essa realçam que a cultura de grupos, por vezes, marginalizados projeta políticas de identidade e reivindica o reconhecimento através de meios e expressões populares. Só não podemos tratar a cultura popular como única e homogênea. Seria mais viável tratar por culturas populares diante da complexidade social, da miscigenação e do hibridismo cultural que permeia toda a sociedade. 'A quase tragédia de Mané ou o bode que ia dando bode' pode ser considerado como um

retrato de um pedaço do Brasil, de um Brasil que em sua grande parte 'vive ouvindo lorotas, babando celebridade, sorrindo e lambendo botas'. Uma sociedade que 'devia pensar um instante ou depois ninguém a acode, o deus desse nosso Olimpo pode não passar de um bode', em seus mais diversos significados.

Ficha técnica:

Produto/Formato: DVD

Vídeo-cordel: 'A quase tragédia de Mané ou o bode que ia dando bode'

Baseado na obra de Ricardo Mello e Samuca

Roteiro, texto e direção: Ricardo Mello

Ilustração: Ilha 1 Animation

Animação: Núcle de Computação Gráfica da Escola Oi Kabum! Recife

Direção de atores: José Manoel

Sonorização: Fernando Lobo

Recife – Pernambuco, 2009.

Diego Antonelli é jornalista formado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa é repórter do *Jornal da Manhã*, de Ponta Grossa (PR), e colaborador/voluntário da *Revista Folkcom*.